



LIMA, Raíssa Oliveira de. **Voz, identidade e acessibilidade: repensando caminhos de acesso e democratização do audiovisual através da dublagem.** Campinas: UNICAMP. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Orientador: Rodrigo Spina de Oliveira Castro.

VOZ, IDENTIDADE E ACESSIBILIDADE: REPENSANDO CAMINHOS DE ACESSO E DEMOCRATIZAÇÃO DO AUDIOVISUAL ATRAVÉS DA DUBLAGEM

Raíssa Oliveira de Lima

RESUMO

Este artigo pretende iniciar discussões sobre acessibilidade no audiovisual brasileiro através da dublagem, relacionando a voz com questões de identidade e imaginário. O ponto de partida para o desenvolvimento desse material foi o “VIII Seminário Interno de Pesquisas do PPG Artes da Cena ‘Mario Santana’”. Os temas levantados neste texto esbarram em particularidades do fazer de atores dubladores, e diante do atual cenário pandêmico e do movimento crescente dos *streamings*, é necessário questionar como a dublagem traz acessibilidade, como esse processo (de dublagem) ocorre juntamente com a audiodescrição, e se essas duas possibilidades de acessibilidade estão disponíveis tanto quanto são necessárias.

Palavras-chave:

*Voz. Dublagem. Acessibilidade.
Audiodescrição.*

ABSTRACT

This article intends to initiate discussions about accessibility at the Brazilian audiovisual scenario through dubbing, relating voice to identity and imaginary. The starting point for the development of this material was the “VIII Seminário Interno de Pesquisas ‘Mario Santana’”. Themes that are in discussion on this text are part of the daily routine of voice actors, and due to the pandemic situation and the increasing movement of streaming, it is necessary to think about how dubbing brings accessibility, how it

Keywords:

*Voice. Dubbing. Accessibility.
Audio description.*

works together with audio description, and if these two possibilities are available as much as they are needed.

“Uma voz significa isto: existe uma pessoa viva, garganta, tórax, sentimentos, que pressiona no ar essa voz diferente de todas as outras vozes.” (CALVINO *apud* CAVARERO, 2011, p. 15). Me empresto das palavras de Italo Calvino e das reflexões feitas por Adriana Cavarero para focar a atenção em uma característica primordial da voz: sua unicidade. Pode-se dizer que a voz é como uma impressão digital sonora. Mesmo que vozes se aproximem pelo timbre, pelo modo de falar, pelas ressonâncias que essas ocupam nos corpos, cada voz ainda guarda características inimitáveis. Isso porque, como diz Calvino, a voz vem de uma pessoa viva, e acompanha tudo que está presente na história desse corpo. As vozes se transformam a partir de vários aspectos que compõem o indivíduo: fisiológicos, culturais, espaciais, sociais, psicológicos, das próprias situações e circunstâncias, entre outros. Escolhi iniciar este texto que engloba uma faceta tão específica do trabalho de atrizes e atores com a voz, tratando dos aspectos sensíveis e sutis. Antes de pensar em dublagem, antes de falar sobre audiovisual, tradução, acessibilidade, e tudo que está proposto, faço um convite para mergulharmos no que a expressão vocal traz de mais humano e quase invisível.

Em seu livro, “Vozes Plurais”, Cavarero retoma como a filosofia, desde a Grécia arcaica, definiu a voz em função do pensamento. A voz foi colocada como subserviente à linguagem. A autora discorre sobre vários autores, dentre eles, Aristóteles. O filósofo relaciona humanidade com a capacidade de comunicação e de reflexão. Nós, seres humanos, fomos definidos como seres que falam, a partir do pensamento:

Na *Política*, Aristóteles é muito claro sobre a questão. Ele aponta que somente no homem a voz significa, ou seja, é *semantiké*. Nos animais ela é signo (*semeion*) da dor e do prazer, é grito ou lamento. A voz antes da palavra – ou independente da palavra - é simplesmente voz animal: fonação alógica, uma vez que asemântica, e, todavia, mesmo no animal, já *semeion*. Quase como se a voz não pudesse ser mais do que signo, remissão a outra coisa, função de uma realidade não vocálica. Ou seja, quase como se a esfera da *phoné* só pudesse ser medida pelo plano daquilo que ela é forçada a significar ou, pelo menos, a sinalizar (CAVARERO, 2003, pág. 51).

A partir das ideias de Aristóteles, a voz se torna palavra. Outras formas de expressão vocal ficam delegadas para o lado animalesco e distante do que se busca

com a racionalidade. Sabemos que não somos apenas pensamento. Somos também dor, prazer, grito, lamento. Apesar da negação do animalesco, dessa faceta da expressão ter sido excluída da ideia de voz humana, Cavarero propõe considerar os sons que ressoam a partir de nós independente da palavra, independente do significado. A voz como carne, como sentimento, como experiência. Uma voz cheia de subjetivos e sons que não foram nomeados, e não necessariamente precisam ser. Uma voz que abraça o psiquismo humano, o animalesco que há em nós, o sensível, o artístico.

Portanto, a voz, única, tão conectada à identidade, pertencente a um corpo vivo, humano, que carrega todo objetivo e subjetividade em sua expansão pelo espaço, apresenta uma terceira característica intrínseca: a relação. A voz, apesar de não ser a única forma de comunicar, tem a relação como ponto de partida: “A voz surge adaptando-se à anatomia daquele corpo pela necessidade concreta de encontro e de comunicação” (CASTRO, 2017, pág. 22). A voz se materializa na história da humanidade pela necessidade da troca de experiências, nos ligando ao coletivo, juntamente com o sentido da audição. Falamos porque precisamos compartilhar e, porque temos alguém para ouvir.

A apresentação desses três aspectos me provocou enquanto artista da cena e da voz, mais especificamente, enquanto buscava encontrar na dublagem subjetividades e espaços de criação. Como pesquisadora, pensar a voz na dublagem a partir desses fatores subjetivos tem aberto caminhos interessantes de reflexão para a prática, que a priori, pode parecer tão fechada em detrimento da referência da obra audiovisual. O ponto de início da dublagem é a obra audiovisual estrangeira. É ela que baliza o que deve ser mantido como estrutura e o que pode ser repensado, transformado, configurando o que nossos ouvidos costumam gravar como bordão quando assistimos uma obra dublada: “Versão Brasileira”. A dublagem apresenta dois papéis: o de traduzir uma obra audiovisual para circular em uma região diferente da de origem, ao mesmo tempo, em que busca manter a experiência proposta pela obra, porém fazendo adaptações culturais para se manterem os processos de aproximação e identificação do público. Muitos textos são alterados para que a tradução da dublagem não seja literal, muitos títulos de obra são repensados e transformados para diferentes regiões. Muitas expressões, fora do campo da palavra, que variam conforme a cultura, são readaptadas, traduzidas por sons que sejam mais familiares

e claros para os espectadores estrangeiros. Cada obra altera o processo de dublagem pela sua própria composição, que vai além dos costumes, dos processos estéticos e da língua. A dublagem configura um processo criativo vivo e pulsante. A partir disso, gostaria de dizer que a voz na dublagem pretende manter a totalidade que a voz contempla na cena e na vida. A voz na vida pertence a uma identidade, um corpo vivo, se dá em função da relação com o outro, e possibilita o compartilhamento de aspectos subjetivos e objetivos da nossa existência. A voz na cena/dublagem pretende pertencer a uma personagem, que tem um corpo específico, vivo durante o tempo em que o jogo se estabelece, em função da relação das personagens entre si ou das personagens com o outro que assiste. Isso possibilita que a obra seja compreendida pelo público de maneira objetiva e subjetiva, alimentando imaginários, pertence tanto à esfera da *semantiké*, quanto do *semeion*.

Após traçar esse paralelo, gostaria de chamar a atenção para outra questão que se faz a partir da dublagem. Por que uma obra audiovisual precisa ser traduzida? A necessidade de tradução de uma obra audiovisual se dá pela possibilidade da distribuição e reprodução dessa em países estrangeiros. A obra pode ser traduzida através da legendagem ou da dublagem. Muito se argumenta sobre a escolha da dublagem:

A dublagem possui um papel fundamental na infiltração de produtos audiovisuais estrangeiros. Seja pelo discurso da inclusão, da facilitação do consumo de acordo com as práticas de recepção, ou do aumento da monetização desses audiovisuais, o objetivo é que se encontre mais capilaridade, alcançando maior audiência e distribuição do produto (...) (WODEVOTZKY, 2020, p. 174).

O recorte desse texto contempla a dublagem como possibilidade de inclusão social. Em um cenário cada vez mais digital, com o crescimento de *streamings* e entretenimento *on demand*, se torna mais fácil encontrar e consumir obras de diferentes países. Longe de ignorar as problemáticas relacionadas a esse movimento, como o consumo desenfreado dessas obras, o mergulho nas lógicas do entretenimento digital e a crescente preferência pelo que se vê através da tela, em casa, na esfera individual, a proposta é olhar para esse movimento e pensar em como é possível torná-lo acessível e democratizado de fato. Em 2020, em detrimento da pandemia, o digital se apresentou como possível lugar de resistência artística, tanto para quem faz, quanto para quem assiste, já que nos vimos obrigados a transferir

nossos universos para dentro de nossas casas. Trabalho, interação social, diversão, entretenimento, eventos artísticos, essas são algumas facetas das nossas vidas que foram transferidas para o digital, pelo menos por enquanto. A partir dessa mudança de rotina trazida por tempos pandêmicos, tão coletiva e individualizante ao mesmo tempo, assistir à mesa “Acessibilidade Cultural nas Artes Cênicas” da programação do VIII Seminário Interno de Pesquisas do PPG Artes da Cena - Mário Santana, chacoalhou o que eu pensava quanto à dublagem. Parece que a questão da acessibilidade trazida por esse processo fica nas entrelinhas, quando, na verdade, deveria ser a protagonista, alterando os pensamentos sobre dublagem e o próprio fazer. Quando nós, atrizes dubladoras e atores dubladores, levamos a acessibilidade em consideração, entendemos que a nossa voz tem uma função muito maior do que combinar com aquele rosto da tela, de soar esteticamente agradável, de caber exatamente no *lip sync* (sincronismo da voz dublada com os movimentos da boca). A acessibilidade se apresenta como objetivo macro do trabalho, para além do texto que se capta através do microfone.

A voz dublada se apresenta, portanto, como meio potente e criativo de compartilhamento de experiências. Em sua capacidade de comunicar além das palavras e de construir imaginários, ela proporciona o mergulho na obra audiovisual para pessoas com deficiência visual ou baixa visão, para pessoas que possuem alguma deficiência mental ou intelectual, e para pessoas não alfabetizadas. A dublagem proporcionar equalizar as possibilidades de envolvimento e apreciação estética da obra audiovisual estrangeira, englobando pluralidades que existem entre o público. Além disso, as versões dubladas são amplamente produzidas e consumidas no país. Isso acontece por conta de aspectos culturais como a influência da tradição radiofônica e televisiva no público brasileiro, e pelo próprio contexto de surgimento da dublagem, que acompanhou o surgimento do cinema no Brasil, já que diversas obras audiovisuais estrangeiras são veiculadas e consumidas aqui desde a década de 1930. A dublagem, portanto, apresenta grande difusão. Apesar desse cenário, as versões dubladas são solução para uma faceta da acessibilidade. Existem outras necessidades para a acessibilidade no audiovisual, como a legendagem, a tradução para libras e a audiodescrição.

Depois de uns 5 minutos escutando a audiodescrição e voice over feita por Graciela Pozzobon, e percebendo que, sem ela, aquele filme seria totalmente

inacessível para mim, pois não havia diálogos, só a música, entrei em um estado de surpresa e de letargia... E, por mais que quisesse assistir somente ao filme, fiquei imaginando simultaneamente o futuro das pessoas com a minha deficiência: poderíamos ir aos cinemas com autonomia, como eu já estava fazendo naquele momento; (QUEIROZ, 2007, p. 11)

Esse depoimento é de Marco Antonio de Queiroz, e abre o livro “Audiodescrição - transformando imagens em palavras”. Marco é deficiente visual e conta sua primeira experiência com a audiodescrição, quando foi convidado para ser jurado de um festival de cinema. Suas palavras explicitam o quanto a audiodescrição se faz necessária em tantos cenários, dentro eles no audiovisual, e como uma obra pode ser apreciada através dessa ferramenta. A luta pela disponibilidade da audiodescrição no audiovisual é longa e ainda enfrenta obstáculos consideráveis em detrimento do mercado televisivo. No mesmo livro, o artigo “Políticas Públicas de Acessibilidade para Pessoas com Deficiência - Audiodescrição na Televisão Brasileira”, escrito por Paulo Romeu Filho, explicita o quanto ainda há barreiras para deficientes visuais no mundo televisivo. Ele escreve como as leis sobre a obrigatoriedade da audiodescrição na programação da televisão brasileira estão em construção desde 2004, e são constantemente questionadas pelas emissoras que visam defender os próprios interesses econômicos, mesmo que para isso, desrespeitem o direito garantido de acesso à cultura para deficientes. O texto longo e confuso desenha bem o percurso que esse grupo enfrenta.

A esta altura, depois de tantos eventos ocasionados pela edição de leis, decretos, portarias, despachos, ofícios, cartas e inúmeras manifestações de todos os segmentos envolvidos na implementação da audiodescrição na televisão brasileira, o leitor certamente já se deu conta de que se trata de uma verdadeira batalha entre os interesses comerciais de grandes grupos empresariais de comunicação e o direito dos cidadãos com algum tipo de deficiência. Infelizmente, esta luta não se restringe apenas ao Brasil, mas acontece em praticamente todos os países onde o sistema de televisão digital já está em funcionamento (FILHO, 2010, p. 56).

Romeu concluí que a televisão no Brasil é um meio de comunicação em massa muito significativo, e em números, quando comparada com o cinema e o teatro, se apresenta como forma democrática para que deficientes visuais possam ter acesso à cultura. Esse texto é de 2010, e apenas em 2019 uma nova portaria foi aprovada pela Anatel quanto à obrigatoriedade da audiodescrição no Brasil:

24. ACESSIBILIDADE - DUBLAGEM

24.1. A programação veiculada pelas estações transmissoras ou retransmissoras dos Serviços de Radiodifusão de Sons e Imagens deverá conter dublagem, em língua portuguesa, dos programas veiculados em língua estrangeira, no todo ou em parte, devendo ser transmitida através do Programa Secundário de Áudio (SAP) juntamente com a audiodescrição, de modo a permitir a compreensão dos diálogos e conteúdos audiovisuais por pessoas com deficiência visual e pessoas que não consigam ou não tenham fluência para leitura das legendas de tradução (Portaria MC nº 310/2006, item 5.1.c) (ANATEL, 2019).

Por fim, esse trecho da portaria aprovada e publicada pela Anatel mostra a conquista da garantia de acessibilidade no audiovisual. Apesar de se aplicar mais especificamente à televisão do que aos *streamings* (que em uma busca rápida, ainda apresentam escassez na audiodescrição em português), demonstram o quanto a luta pela acessibilidade avança, preenchendo esses espaços faltantes. A dublagem, pode suprir, a priori, essa necessidade urgente, mas, em conjunto com a audiodescrição, permite o acesso completo de uma obra audiovisual estrangeira. Audiodescrição e dublagem se complementam mutuamente: a primeira atua localizando espacialmente e visualmente o espectador, e a segunda, possibilita através da experiência auditiva, a compreensão e apreciação da obra artística.

Bibliografia

CAVARERO, Adriana. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Trad. de Flavio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CASTRO, Rodrigo Spina de Oliveira. *Entre o ouvido e a voz = Between the ear and the voice*. 2017. 1 recurso online (220 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325590>>.

WODEVOTZKY, R. K.; BAITELLO JR., N. Processos de criação em dublagem. *Novos Olhares*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 173-184, 2020. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2020.163697.

QUEIROZ, M. A; ROMEU FILHO, P. *Audiodescrição Transformando Imagens em Palavras*. / Lívia Maria Villela de Mello Motta, Paulo Romeu Filho, organizadores. - São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Vários autores.

ANATEL. Legislação, Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006. BRASIL. <<https://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/442-portaria-310#item5.1>>. Acesso em: 19 jan. 2021.